

BUKHÁRIN

Uma alternativa para o stalinismo?

A edição brasileira do livro do historiador norte-americano Stephen F. Cohen é da Paz e Terra; a tradução, cuidada, é de Maria Inês Rolim (e foi submetida a uma rigorosa revisão técnica por Luiz Sérgio N. Henriques).

Trata-se de uma obra que, quando apareceu originalmente nos Estados Unidos, no começo dos anos 70, repercutiu como uma "bomba" nos arraiais da história do comunismo. Examinando minuciosamente a vida e a obra de Nicolai Ivanovitch Bukhárin, reconstituindo sua trajetória política tumultuada (encoberta por uma cortina de calúnias e difamações), Cohen concluiu que não era Trotski e sim Bukhárin o articulador de uma "alternativa programática viável" ao stalinismo.

A história do comunismo - tal como a história humana, em geral - não deve ser vista como um movimento mais ou menos mecânico, que segue um curso inexorável. "Sempre existem alternativas históricas", adverte Stephen F. Cohen. E Bukharin, a seus olhos, defendia com lucidez (independentemente de suas limitações pessoais) um caminho que poderia ter evitado a truculência e os efeitos profundamente deformadores do "modelo stalinista" de industrialização.

Através de um melhor aproveitamento das possibilidades da NEP (Nova Política Econômica), fazendo concessões à dinâmica do capitalismo, a proposta bukharinista, de algum modo, prenunciava com várias décadas de antecedência as preocupações da perestroika, de Mikhail Gorbachev: dispunha-se a utilizar em proveito de uma política comunista os mecanismos do mercado, renunciando à tentação de pretender "domesticá-los" por procedimentos burocráticos e ditatoriais.

Numa linguagem polêmica (que Cohen não endossaria), podemos dizer que, segundo a interpretação feita pelo historiador norte-

Bukhárin, a seus olhos, defendia com lucidez um caminho que poderia ter evitado a truculência e os efeitos profundamente deformadores do modelo stalinista de industrialização



No exterior, aproximou-se de Lênin e estudou muito, lendo textos em russo, em alemão, em inglês e em francês. Escreveu em Viena, em 1914, o estudo "A teoria econômica da classe ociosa", polemizando com Bohm-Bawerk. Depois, morou algum tempo na Suíça e em Estocolmo, na Suécia, terminou o livro "O Imperialismo e a economia mundial". Os últimos meses da emigração se passaram nos Estados Unidos, onde conheceu pessoalmente Trotski. No início de maio de 1917, conseguiu regressar a Moscou, onde sua atividade política o transformou rapidamente num dos dirigentes mais influentes do Partido em toda a Rússia.

Após a revolução de 1917, nos primeiros meses do novo Estado, Bukhárin se destacou como líder da corrente situada mais à "esquerda" dentro do comunismo. Criticou as concessões feitas por Lênin aos alemães para obter a cessação imediata da guerra e divergiu também dos esforços que levaram à cria-

ção de uma espécie de Capitalismo de Estado que de algum modo antecipavam a Nova Política Econômica (Lênin dizia que, se os bolcheviques chegassem a implantar em 1918 o Capitalismo de Estado, já teriam conseguido alcançar "três quartas partes de socialismo").

Já no final de 1918, contudo, Bukhárin começou a mudar de posição e a se deslocar para uma linha menos extremada. Em 1919, em colaboração com Preobrajenski, escreveu um trabalho que se tornou um "best seller": o "ABC do Comunismo". Em 1920, preparou um texto ousado, que provocou debates acalorados: "A economia do período de transição". No ano seguinte, apareceu, de sua autoria, o "Tratado de Materialismo Histórico".

Cohen leva seu apreço por Bukhárin tão longe que chega a fazer do "Tratado do Materialismo Histórico" uma leitura generosa demais, na qual procura absolvê-lo contra a acusação mais grave que Lukacs e Gramsci fizeram à obra: Cohen nega - contra toda a evi-

dência - que a concepção bukhariniana do materialismo histórico padeça das limitações de um "determinismo rígido". O historiador norte-americano atribui a Bukhárin uma "abordagem pluralista" dos fenômenos humanos. Pouco lhe falta para sustentar o caráter eminentemente dialético do marxismo bukharinista...

Por mais discutível que seja essa avaliação, entretanto, ela não acarreta nenhum dano grave à reconstituição do movimento de Bukharin no plano político. Cohen mostra como, apesar de diversos atritos sérios com Lênin, Bukharin foi assimilando o espírito "realista" com que Lênin reconheceu o fracasso do "comunismo de guerra" e abriu caminho para a NEP. Denunciando o "revolucionarismo exagerado", Lênin afirmou: "Agora, o que há de novo em nossa revolução é a necessidade de pôr em prática um método 'reformista' gradual, que aborde de modo cauteloso e indireto as questões fundamentais da construção econômica". Bukharin começou a extrair as consequências dessa observação de Lênin.

"Tentamos assumir a tarefa de administrar tudo" - escreveu Bukharin no final de 1922 - "e, do ponto de vista da organização racional da economia, isto foi loucura". A população ficou sem pão, sem carvão, amargurada, descrente, e isto era ruim para o projeto comunista. Para poder contar com o apoio do povo, a seu ver, os bolcheviques precisavam fazer a economia funcionar, aumentar a produção; e esse resultado só podia ser alcançado com humildade, recorrendo aos mecanismos do mercado.

Após a morte de Lênin, no começo de 1924, a política econômica preconizada por Bukharin chegou a se tornar política oficial do Estado soviético e ele partilhou o poder, por algum tempo, com Stálin, enfrentando as críticas de

A atual crise na Europa Oriental indica que o marxismo precisará mergulhar mais fundo no seu passado, reconsiderar suas raízes, rememorar suas batalhas, visitar seus campeões

Trotski, de Zinoviev e de Kamenev. Nesse período, ele elaborou e implementou uma política de industrialização e conclamou os proprietários rurais a extrair bons lucros da venda de seus produtos para que a produção agrícola crescesse. Sua força era grande: ele era o diretor do jornal "Pravda" e da revista "Bolchevique", do Comitê Central do Partido. E ainda por cima foi designado para a direção da Internacional Comunista.

Quando, porém, no final de 1929, Stalin desencadeou o processo da coletivização coercitiva da agricultura, massacrando milhões de camponeses, Bukhárin - acusado de "direitista" - foi bruscamente aliado dos postos que lhe davam poder. A guinada stalinista impôs de repente um fim drástico à NEP. Cohen analisa pormenorizadamente essa derrota do seu biografado, evocando os principais episódios, as circunstâncias e o quadro em que se deu a mudança, procurando apontar alguns dos erros que Bukharin teria cometido, naquele momento, em seu conflito com Stalin.

O décimo e último capítulo de "Bukharin - uma biografia política" está dedicado aos últimos anos de vida do revolucionário derrotado, "Objeto de opróbrio oficial", posto à mercê de um ditador implacável, aguardando seu fim, preso às engrenagens de um sistema monstruoso com o qual chegara a se identificar. Sua própria lealdade ao Partido lhe atava as mãos e o tornava vulnerável aos golpes do secretário-geral. Em 1937, Stalin mandou prendê-lo e a polícia ameaçou matar sua esposa e seu filho menor, caso ele não "colaborasse". Montou-se, então, em 1938, um processo-farsa que o condenou à morte.

Cohen levanta questões que não podem ser descartadas, a respeito de um período complexo da história do comunismo: o da consolidação do stalinismo. A atual crise das estruturas dos países da Europa Oriental indica que, nos anos será necessário um aprofundamento considerável na revisão crítica da história do comunismo: o marxismo precisará mergulhar mais fundo no seu passado, reconsiderar suas raízes, rememorar suas batalhas, visitar seus campeões, na busca das oportunidades que não soube aproveitar e no mapeamento das fontes de energia que lhe cabe recuperar.

Quaisquer que venham a ser os resultados alcançados nesse esforço, os marxistas não poderão deixar de se sentir gratos a estudos sérios e corajosos como este que Stephen F. Cohen dedicou a Bukhárin.